

MIGUEL TORGA

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

ENTRE O CÉU E A TERRA: DO RELIGIOSO E DO MÍSTICO NA POESIA DE MIGUEL TORGA

Patrícia Calvário

Não pretendo aqui analisar o homem Miguel Torga, mas apenas descortinar na sua obra elementos religiosos e indiciadores de uma mística. Fará este propósito sentido? Ou, perguntando de outra forma, qual o sentido de procurar o religioso e o místico na obra de Torga? Poderemos indicar várias respostas, conforme o campo de saber em que quisermos enquadrar esta questão. Sendo o meu interesse temático a filosofia da espiritualidade mais que a literatura, a teologia mais que o exame poético, responderia que a análise dos elementos que ora me ocupam, isto é, o religioso e o místico, contribuem para construir uma história exemplar das tensões que habitam o homem pós-moderno. Além disto, permitem perceber o relevo destes elementos na sua estrutura essencial.

A obra poética e literária de Torga espelha perfeitamente o relevo que o religioso e o místico podem adquirir nas dimensões mais profundas, mas também na banalidade da vida quotidiana. Estes dois conceitos – religioso e místico – podem fundir-se num único, isto é, espiritualidade. A obra de Torga revela a constante tensão espiritual com a qual se viu a braços durante toda a sua vida. Porém, poder-se-á considerar Torga “um místico”? Que era um homem religioso não oferece tanta dúvida. Dessa religiosidade telúrica que parece ser uma característica essencial da fisionomia transmontana, no sentir do poeta. Mas poderá também dizer-se que era um místico?

O termo místico deriva do adjectivo grego *μυστικός*, que significa secreto. Está relacionado com um conhecimento que não é alcançável por todos, mas apenas por aqueles que são iniciados, no contexto das religiões místicas. Como veremos, encontramos em Torga vívidas expressões que descrevem o drama que é a sua relação com o divino. Não parece que tenha intuições profundas acerca do ser divino. Tem, com certeza, intuições profundíssimas de um estado da vida ascética, própria da espiritualidade cristã, e descrita por São João da Cruz, que se designa de “noite escura da alma”, que implica a experiência do abandono de Deus, da desolação e da aridez, entre outros complexos aspectos.

Por sua vez, Armindo Augusto chama a Torga “místico selvagem”, expressão que toma de Claudel, que a atribui a Rimbaud. Seguem as palavras de A. Augusto:

Não encontro palavras mais exactas para definir o poeta português: um autêntico místico em estado selvagem. Místico, no desejo insaciável de Absoluto, de Deus; místico, na perplexidade em que se demora: vou, não vou, quero, não quero; místico no desejo de seguir por caminhos não batidos; místico, até no simbolismo amoroso da linguagem. Mas, místico em estado selvagem: porque não consegue dominar os instintos brutos e contraditórios¹.

Miguel Torga, o místico, atormentado por Deus. Como sístole e diástole, os seus sazonais ânimos e desânimos espirituais revelam uma contínua preocupação religiosa. Ora passa por momentos de aridez, de deserto, de abandono e silêncio esmagador, ora atinge estados de exaltação espiritual, que o poeta designa de “misticismo agudo”:

[...] das trevas do meu próprio espírito ressuscitava um Cristo redentor que humaniza a morte e sacraliza a vida. Um Cristo que, afinal, eu nunca traía, apesar de muitas vezes o haver negado².

Afirmção paradoxal de Torga, mas que se pode explicar. Trair, neste contexto, significa dar-se a outros “deuses”, o que o poeta transmuntano não fez³. O Cristo escondia-se e, portanto, a negação, a dúvida⁴. Mas também ressuscitava, como referido na passagem anterior. Esta espécie de morte e ressurreição é incompreensível para Torga:

¹ A. Augusto, *Miguel Torga. O drama de existir*, Tartaruga, Porto 1997, p. 108.

² Torga, *A Criação do Mundo*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1999, p. 165.

³ *Ibidem*, p. 449. «Desta vez, porém, as evocações que fazia [aos deuses gregos] deixavam-me frio. No mundo mitológico e lógico de oráculos e silogismos, dionisiaco e apolíneo, de deuses, semi-deuses e heróis que, sem dar conta, as suas palavras erguiam habitualmente na minha imaginação, cabia mal uma esperança mais radicada no chão atávico do sentimento do que nos jardins suspensos do pensamento. E o meu fundo cristão necessitava dela, de ver nascido no estábulo dos corações um messias da fraternidade humana, do amor universal».

⁴ «A dúvida é a doença crónica desta espécie de homens radicais», afirmação certa de J. Herrero, *Miguel Torga. Poeta ibérico*, Arcádia. Lisboa 1979, p. 88.

Mesmo que quisesse, dificilmente conseguiria explicar o que se passava comigo. Esquecido de Deus durante cinco anos, caíra de repente num misticismo agudo⁵.

Em outro local refere-se a si mesmo como “medularmente religioso”, mas carecendo de humildade para acreditar (*ibidem*, p. 164). Acreditar em quê, poderíamos perguntar? A resposta é sobretudo na mediação da Igreja e o que se relaciona com esta mediação.

Nessa altura, as rendas da toalha de linho, a seda dos paramentos, o cálix, a hóstia e a água benta da pia eram no meu espírito símbolos vivos, presenças sagradas e protectoras (*ibidem*, p. 212).

Os símbolos que antes, no seu tempo de menino, eram vivas expressões do divino na Terra perderam esse sentido. Todos esses símbolos deixaram de falar ao coração do poeta, porque uma Igreja vistosa, sumptuosa e rica os faz calar.

A Igreja de Torga é outra; é austera e despojada, é a Igreja do subsolo, das catacumbas, da simplicidade, dos mártires. É esta que lhe fala a “secretos recessos da alma” e que “a descrença não invalidara” (*ibidem*, p. 309). Torga é adverso a uma Igreja que considera hipócrita, envolvida em luxo, capitalista e mais atenta ao temporal do que aos valores imperecíveis.

A sua sensibilidade fá-lo até considerar que existe um logro também na arte sacra relacionada com o catolicismo. Na Capela Sistina constatou o efémero da arte sacra. A par da beleza artística que reconhece na *Criação* de Miguel Ângelo, acompanha-o a desilusão daquele a quem foi prometido o imperecível e, em vez disso, descobre o perecível. A pretensão à perenidade é uma das críticas que Torga faz à Igreja. “[...] o estuque rachado acabaria por cair, e toda a pintura ficaria reduzida a pó mais cedo ou mais tarde” (*ibidem*, p. 309). Esta Igreja sumptuosa, afirma Torga, não é a da sua gente, a de seus pais e do padre Alberto de Sanfins, “de quem usara a batina, capaz de tirar o pão da boca para o dar aos pobres” (*ibidem*, p. 310).

⁵ Torga, *A Criação do Mundo*, p. 164.

Menciona no seu diário Santa Teresa d'Ávila⁶ e São João da Cruz⁷. Leu *Las moradas* e *El Castillo Interior*. Confessa-se devoto leitor da Santa. Dedicou-lhe um poema. Refere que a Miguel de Unamuno devorava a mesma fome de absoluto que à Santa, “sua irmã mais velha em castelhanismo e grandeza humana”. Em Ávila, sente a cidade, em cada uma das suas pedras, impregnada de Santa Teresa d'Ávila. Dedicou também um poema a S. João da Cruz.⁸ O que confirma que Torga era conhecedor da experiência da desolação provocada pela sensação de abandono de Deus, a qual estes dois santos, especialmente João da Cruz, descrevem de forma vívida e dolorida.

Não somente à espiritualidade carmelita o poeta vai beber, a franciscana também está presente em Torga, assumindo como que características opostas ao dolorismo carmelita. Contra este, ou a equilibrá-lo, a jucundidade e puerilidade franciscanas. E Francisco de Assis é descrito como um anarquista. E no *Diário* escreve

[...] S. Francisco de Assis, o meu santo. E louvei-o mais uma vez como pude. Chamei-lhe o Cristo da bem-aventurança terrena. Um Cristo poeta, sem o dramatismo árido do deserto e da expiação, a pregar transparências num cenário de branduras idílicas. Um Cristo que integrou o próprio demónio na fraternidade cósmica. Um Cristo humilde, sem a vocação do mando, alérgico à propriedade privada, fundador do sufrágio universal por voto secreto, anarquista, possesso da alegria da vida. Um Cristo a abrir o caminho do Renascimento só por acreditar no homem e na natureza. Um Cristo do mundo à medida do mundo⁹.

E ainda, quando recupera de uma doença súbita grave, é o *Cântico das criaturas*, atribuído a S. Francisco de Assis, que escorre da sua “pena”.¹⁰

⁶ Leu *Las moradas* e *El Castillo Interior*. Confessa-se devoto leitor da Santa. Dedicou-lhe um poema. Refere que a Miguel de Unamuno devorava a mesma fome de absoluto que à Santa, «sua irmã mais velha em castelhanismo e grandeza humana». Quando de passagem por Ávila, sente a cidade, em cada uma das suas pedras, impregnada de Santa Teresa d'Ávila. Dedicou também um poema a S. João da Cruz. Cf. *A Criação do Mundo*, pp. 278-280. Os poemas dedicados aos dois santos podem ler-se em *Antologia poética*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1999, pp. 154-155 e 157, respectivamente.

⁷ Cf. Torga, *Diário* I, Dom Quixote, Lisboa 1999, p. 30.

⁸ Cf. *A Criação do Mundo*, pp. 278-280. Os poemas dedicados aos dois santos podem ler-se em *Antologia poética*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1999, pp. 154-155 e 157, respectivamente.

⁹ Torga, *Diário*, XII.

¹⁰ Cf. Torga, *A Criação do Mundo*, p. 259. É este o verso reproduzido em italiano por Torga:

Em Torga convivem a sensibilidade religiosa e um sentido apuradíssimo do trágico, das limitações da humanidade, da dureza da vida, à semelhança da dureza das fragas do seu querido Trás-os-Montes, enfim, o sofrimento de existir. A existência é sofrimento. Logo que o ser humano “coloca os pés” neste mundo, imediatamente começa o sofrimento. No dizer do poeta,

Magoei os pés no chão onde nasci. /Cilícios de raivosa hostilidade/Abri-ram golpes na fragilidade/Da criatura/Que não pude deixar de ser um dia./Com lágrimas de pasmo e de amargura/Paguei à terra o pão que lhe pedia./Comprei a consciência de que sou/Homem de trocas com a natureza”¹¹.

Esta constatação e o silêncio de Deus formam a “noite escura” de Torga. Em vários dos seus poemas afirma que perdeu Deus:

Não sei amar, ou amo o que me foge. Já com Deus foi assim, na juventude: Dei-lhe a paixão que pude enquanto o namorava na distância; depois, ou medo, ou ânsia de maior perfeição, vi-o junto de mim e fiquei mudo. Neguei-lhe o coração. E então perdi-o, como perco tudo”¹².

Confessa a admiração que nutre pelas gentes da sua aldeia por viverem todos os momentos, quer religiosos, quer profanos, com a mesma santidade. No entanto, as agruras de existir fazem-no questionar Deus.

Torga luta com Deus, revolta-se e algumas vezes desespera. A sua obra pode ser considerada um permanente diálogo com Deus.¹³ Os seus poemas evidenciam esta dimensão orante, de quem desabafa e se lamenta. Por vezes, a prece é um grito de revolta.

Torga valoriza o ser humano precisamente por ser aquele que foi trazido à existência, isto é, ao sofrimento; que cada dia se levanta para enfrentar a Vida e em quem, apesar de tudo, persiste a vontade de construir, de trabalhar a terra, de sonhar. O *Cântico do homem* expressa justamente essa “grande maravilha que se mostra no mundo, o negro abismo que tem lá no fundo um regato a correr”¹⁴.

«Laudato sii, mio signore./com tutte le tue creature,/specialmente messer lo frate sole...».

¹¹ Torga, *Começo*, in *Cântico do Homem*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1974, pp. 10-11.

¹² Torga, *Pudor*, in *Penas do Purgatório*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1976, p. 59.

¹³ «Eis o que sofro: destronado ateu/Cuja descrença só em fé consiste», Torga, *Sementeira de almas*, in *Ansiedade*, Imprensa Académica, Coimbra, 1928, p. 45. Não nos parece que esta e outras afirmações semelhantes signifiquem uma profissão de ateísmo.

¹⁴ Torga, *Cântico do Homem*, p. 8.

Dadas as condições onde o ser humano foi lançado e as limitações do seu próprio ser, o “milagre é que o homem não morreu” (*ibidem*, p. 9). Todas as referências telúricas de Torga representam esta luta da criatura com o Criador. Em vez de “Eis-me aqui”, gritam: “Porque estou aqui?”, num misto de espanto e revolta. Mas este grito é o mesmo grito da criança que chora pelos braços da mãe (em Torga igualmente profundo é o vínculo com a figura do Pai, “príncipe aldeão”), e mais, pelo seio de onde não queria ter saído e onde anseia chegar, esse Paraíso divino – talvez da não-existência – do qual anda exilado. E é, ao mesmo tempo, o grito do condenado que afirma a sua grandeza, pois, feito de limitações, consegue atingir altos cumes de beleza nas suas obras unicamente pela pujança da sua vontade: “Força da terra a olhar o céu em desafio”.¹⁵

É significativa a escolha da passagem do *Génesis* para iniciar a sua obra *A Criação do Mundo*. “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e pô-lo no paraíso das delícias...”, ao que se segue a descrição em seis dias das aventuras e desventuras da vida do poeta. Em seis dias relata a sua vida no exílio da existência, a contrastar ironicamente com o paraíso das delícias para o qual o ser humano supostamente foi criado: “E por tão pouco me mandaste embora! /Por tão pouco a tua mão/me apontou a Vida, fora/do teu coração/de pai!”. Deus prometeu o paraíso, mas é a via-sacra que o ser humano recebe, como se pode também concluir a partir da passagem do poema intitulado Santa Teresa, “e Deus que prometeu ter-me a seu lado, tem-me aqui”.¹⁶

Traz entranhado na sua carne, diz o poeta, o “cilício da morte”.¹⁷ Vive a grande velocidade, angustiado com a sua eminência e “obcecado pela fuga do tempo” (*ibidem*, p. 488). Perante a evidência da finitude da vida, que o assola desde “menino”¹⁸, e que o faz viver um desespero da razão, a mesma vida encarrega-se de mostrar que há nela um ímpeto irresistível de perseverança, o qual designa de permanente acto de fé na graça purificadora da esperança. É o dom (graça) da esperança que torna a existência humana nesta terra minimamente suportável. Nesta terra, dizemos, porque para Torga não há outra vida para além desta aqui e agora. O mundo que o ser

¹⁵ Torga, *Moisés*, in *Diário I*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1999, p. 40.

¹⁶ Torga, *Santa Teresa*, in *Antologia poética*, p. 155.

¹⁷ Torga, *A Criação do Mundo*, p. 390.

¹⁸ «Desde menino que tinha da vida um sentido agónico, cada dia, cada hora, cada minuto à espera da morte», in *A Criação do Mundo*, p. 517.

humano habita é feito da mesma matéria que “o tempo gasta e arrefece, mas único jardim que se conhece onde floresce a vida”¹⁹. A morte é o fim e a vida compara-a Miguel Torga a uma via-sacra.

A obra de Torga revela que há existe nele um permanente desejo abissal do absoluto. Desejo que nunca conseguiu concretizar. Queria o absoluto, mas só “conhecera o gosto amargo do relativo” e “os permanentes acenos de Deus nunca [foram] entendidos”²⁰. Que outra coisa se poderia esperar de um ser moldado de barro? “Todo de carne e osso, como posso transfigurar-me?”²¹, questiona o poeta?

O poeta transmontano expressa o desejo de viver na terra a realidade do céu, viver ao mesmo tempo de forma profana e sagrada, num abraço entre Anteu²² e Cristo, onde os opostos se reconciliam. O verdadeiro drama de Torga é existir... É ser...sem o Absoluto: A Vida não tem sentido, pois aqui, à vida terrena não chega o amor de Deus: “Meu Deus: aqui, onde não chega o teu amor,/é tudo igual/ao teu gesto de desprezo.../A Vida não tem sentido,/e o próprio sol que nos mandas/nem regula, nem aquece!”²³

O seu desespero é próprio do místico em exílio, mas que lá no fundo tem um regato a correr. E que fundo é este senão o seu fundo cristão²⁴ cuja luz, ainda que ténue, não se apagou e o seu fundo telúrico, cujo fogo pujante nunca se extinguiu?

¹⁹ Torga, *Cântico*, in *Orfeu rebelde*, p. 65.

²⁰ Torga, *A Criação do Mundo*, p. 585.

²¹ Torga, *Drama*, in *Penas do Purgatório*, p. 22. Refere também neste poema o aceno divino que nunca sossega.

²² Torga evoca Anteu no seu Diário (XI, p. 188): «De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro...».

²³ Torga, *Tantum ergo*, in *O outro livro de Job*, p. 73.

²⁴ Jesús Herrero questiona se o desespero humanista de Torga não será um eco religioso da salvação última a que o cristianismo reporta. Cremos que sim. Cf. J. Herrero, *Miguel Torga. Poeta ibérico*, p. 122.